

## PARÂMETROS DISCURSIVOS PARA INDEXAÇÃO DA PROGRAMAÇÃO TELEVISIVA EM UM BANCO DE DADOS AUDIOVISUAIS: ANÁLISE DO PROGRAMA REDE MÍDIA

Juliana Lopes Melo Ferreira SABINO \*

Giani DAVID-SILVA \*\*

Flávio Luis Cardeal PÁDUA \*\*\*

*ABSTRACT: Media, especially television, plays an important role in Brazilian social, educational and moral formation. Television, in a broad way, constitutes one of the most powerful vehicles of information and cultural dissemination. Considering the necessity of broadening researches on television, CEFET-MG (Federal Center of Technological Education of the State of Minas Gerais) has been made efforts to create a Center of Research Support on Television (CAPTE) which will have a file of TV programs available for researchers of different fields. The proposed study fits into a broader research aimed at examining the television channel Rede Minas, from the classification of genres, aiming at their integration into a multimedia database. The proposed work is part of a broad research that aims analyzing the Scheduled Programs of Rede Mídia (Rede Minas) from a semiolinguistic (Charaudeau) and enuntiative (François Jost) perspective as a parameter for selecting metadata depended on the content (MDC) which will be the key for indexing the database program created by CAPTE.*

**KEYWORDS:** *Media Discourse Analysis; television genres; Rede Mídia; audio-visual database; information indexing processes.*

### 1. Introdução

O presente trabalho visa analisar a contribuição da Análise do Discurso (AD) para o processo de indexação de vídeos televisivos em um banco de dados audiovisual. Essa pesquisa é parte de um projeto maior que propõe a criação de um arquivo de vídeos e de um Centro de apoio a pesquisas sobre a televisão brasileira (CAPTE) no Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais (CEFET-MG). Para tanto, foi realizada uma parceria com a Rede Minas de Televisão, o que permitirá a realização do protótipo de um sistema de busca e recuperação de informação audiovisual. O projeto em questão é de natureza interdisciplinar e estabelece uma relação entre duas áreas de conhecimento: a Análise do Discurso e a Ciência da Computação, cujo diálogo constante, durante todas as etapas da pesquisa proposta, permitirá uma análise reflexiva sobre as diferentes abordagens possíveis de um objeto que, em si, é marcado pela complexidade.

O canal Rede Minas de Televisão foi criado em 1984 e tem como objetivo contribuir para a formação dos valores sociais dos cidadãos por meio de uma programação de caráter

---

\* Mestranda em Estudos de Linguagens do Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais (CEFET-MG). Bolsista da CAPES. Julianalopes20@hotmail.com

\*\* Orientadora Professora- Doutora do Departamento do Mestrado em Estudos de Linguagens do Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais (CEFET-MG). gianids@gmail.com

\*\*\* Co-orientador Professor- Doutor- Professor Adjunto do Departamento de Computação do Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais (CEFET-MG). cardeal@decom.cefetmg.br

cultural e educativo. O canal oferece programas voltados à inclusão social, como o “Jornal Visual”, cujas notícias são traduzidas para a língua de Sinais - (Libras). A emissora proporciona uma programação diferenciada dos outros canais abertos, priorizando a cultura, educação, lazer e saúde.

A emissora Rede Minas propõe a seguinte tipologização de seus programas: jornalismo, cultura, esporte e ação, educação, música, cinema, documentário, entrevistas e debates, infantil, jovem e variedades. O programa que ora propomos analisar, Rede Mídia, insere-se na divisão entrevistas e debates. Esse programa é exibido semanalmente e tem duração média de 30 minutos. É apresentado pelo jornalista e editor-chefe Rogério Faria Tavares, às quintas-feiras, com retransmissão aos domingos. Conforme divulgado no sítio do canal (<http://redeminas.tv/rede-midia/sobre>), o programa tem como objetivo ser um fórum de debates acerca da comunicação de modo geral, com suas nuances e formatos. A cada edição, o programa conta com a participação de convidados para debater acerca do papel da mídia na sociedade. O programa é destinado a um público vasto, como jornalistas, estudantes e telespectadores que se interessam pelos “bastidores da mídia em geral”.

A seguir vamos expor algumas reflexões sobre o processo de indexação, sua finalidade e seus desafios, bem como tentaremos avaliar as possibilidades.

## 2. Processo de Indexação e contribuições da AD

Cresce, cada vez mais, o número de banco de imagens no *ciberespaço*. Assim, localizar uma imagem específica torna-se tarefa muito complicada, devido excesso de registros irrelevantes que aparecem em um sistema de busca. Essa grande quantidade de registros irrelevantes poderia ser explicada pela seleção inadequada de termos no processo de indexação dos vídeos.

Conforme Cintra (1983), a indexação é uma operação realizada pela tradução de um documento em termos documentários, isto é, indexar é atribuir descritores (termos-chave) ou metadados a um documento, garantindo a fácil recuperação da informação solicitada. Em linhas gerais, consiste em passar de um tipo de linguagem (verbal, visual) para uma metalinguagem documentária padronizada.

Metadados são dados que descrevem outros dados e no contexto do problema de indexação e recuperação de vídeos são comumente classificados em dois tipos básicos (Bimbo, 1999; Jain e Harumpapur, 1994):

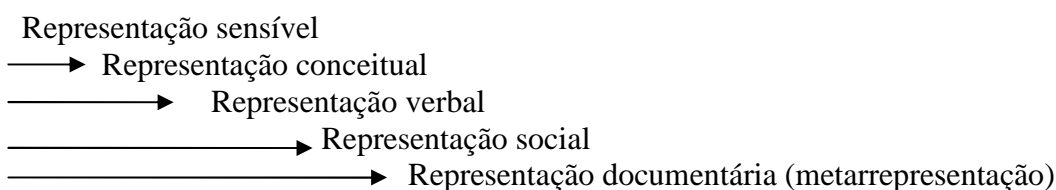
- **Metadados Independentes do Conteúdo (MIC):** são dados que não se referem diretamente ao conteúdo do vídeo, mas que, de alguma forma, o descreve, como por exemplo, o formato do vídeo, autoria, data de produção e aspectos legais de distribuição;
- **Metadados Dependentes do Conteúdo (MDC):** são dados que se referem diretamente ao conteúdo do vídeo, tais como, cores, texturas, formas, relações espaciais, movimentos e outras características evidenciadas no vídeo.”

Segundo Barreto (2007), pode-se ainda serem usados “metadados descritivos de conteúdo”, que se referem ao conteúdo semântico do vídeo, à relação da imagem com fatores de ordem social, emocional, por exemplo. Ambos os tipos de metadados são de grande importância para a tarefa de recuperação de informação, sendo por vezes utilizados de maneira concomitante. Metadados do tipo MIC são obtidos por meio de processos de anotação manual, sofrendo influência do domínio da aplicação e, naturalmente, do indivíduo

responsável pela descrição. Por outro lado, dados do tipo MDC podem ser obtidos manualmente ou automaticamente.

Lancaster (2004) aborda dois princípios fundamentais na seleção de termos: o primeiro é a exaustividade na seleção dos termos, segundo o qual, quanto mais termos forem elaborados para representar aquele documento, maior a chance desse ser recuperado adequadamente. O segundo trata da especificidade, para o autor, este é o princípio mais importante na indexação, a informação deve ser indexada a partir daquilo que ela possui de exclusivo, de particular, possível, evitando-se redundâncias.

Dessa forma, selecionar termos, conceitos que representem o que se está arquivando, implica desconsiderar uma série de outras informações. Ao abordar o aspecto redutor de toda representação, Dodebei (2002:33) apresenta o seguinte esquema:



A representação documentária é concebida como uma metarrepresentação, ou seja, o final de uma cadeia necessária de reduções. Esse reducionismo inevitável no processo de representação coloca-nos frente a duas questões importantes: o da representatividade efetiva das partes selecionadas em relação ao documento e o do processo de leitura que faz o indexador (Cintra, 1983).

Entre as dificuldades encontradas no processo de indexação destacam-se as inerentes à própria linguagem verbal no processo de descrição dos documentos. Surge, na linguagem documentária, a necessidade de se controlar certas características da língua que, em contexto de uso social, não se apresentariam como problema, tais como: a polissemia, a sinonímia, antonímia, homografia, entre outros. Ademais, na conversão da linguagem natural para a linguagem documentária (descritores, termos-chave), que tem por função expressar o conteúdo do documento, intervêm vários fenômenos lingüísticos, como os problemas relativos à semântica. Assim, acreditamos ser a Análise do Discurso uma área de conhecimento que pode se apresentar profícua no apoio aos trabalhos de documentação, de modo especial aos procedimentos de Indexação.

Na maior parte dos arquivos de vídeos existentes, o processamento da informação e inserção em um banco de dados é feita de forma manual, há um trabalho de identificação de descritores ou palavras-chave que representem a informação audiovisual. Em linhas gerais, para se ter uma leitura proficiente das imagens em movimento, especificamente, a televisiva, recorreremos a Análise do Discurso a fim de contribuir para o reconhecimento da especificidade dessas imagens.

Assim, compreendendo a particularidade da linguagem televisiva, a AD poderá subsidiar o desenvolvimento do estudo ora proposto por meio da análise discursiva dos gêneros televisivos, tendo como desafio a identificação, no âmbito dessa disciplina, de aspectos que irão contribuir para a indexação e inserção das informações audiovisuais no banco de dados.

Lancaster (2004) postula a dificuldade de se chegar a um acordo sobre a indexação de imagens “é difícil haver concordância quanto ao que uma imagem realmente mostra”, de modo que lida não somente com aspectos concretos, bem como lida com abstrações. (LANCASTER, 2004, p. 217-218). Tendo em vista a importância da cultura audiovisual para a sociedade e a dificuldade de Indexação de imagens, o presente artigo pretende fundamentar-

se em técnicas de análise do discurso midiático, objetivando auxiliar no processo de indexação. A Análise do Discurso poderá atuar em duas etapas que integram a indexação, conforme Lancaster (2004): a análise conceitual e a tradução. A primeira consiste em definir o assunto do documento, a segunda consiste em selecionar os termos que representarão os assuntos de determinado documento. Em relação a esta etapa, Lancaster (2004, p.15) salienta que a “tradução envolve uma decisão sobre quais os rótulos disponíveis que melhor representam x, y e z”. Para o autor, a etapa da tradução é, indubitavelmente, uma das principais em todo o processo de indexação.

A seguir exporemos aspectos discursivamente relevantes para o processo de análise e classificação dos gêneros televisivos.

### 3. Teoria Semiolinguística (Charaudeau)

A linguagem para Charaudeau é considerada como prática social, em que se relacionam fatores internos e externos. O nível externo refere-se às regularidades sócio-comunicativas determinadas por convenções intrínsecas à toda atividade de comunicação (*Ritual sociolinguageiro* nos termos de Charaudeau) e o nível interno refere-se às estratégias discursivas utilizadas pelos sujeitos comunicantes a fim de produzir determinados efeitos sobre o sujeito interpretante. Charaudeau denomina por *contrato de comunicação* os comportamentos ritualizados de uma determinada sociedade. Esses comportamentos são condicionados por práticas sociais, que por sua vez estão em constante mudança, e conseqüentemente, não são configurados como normas e sim como regularidades. Alguns fatores determinam essas regularidades, dentre eles, os saberes compartilhados entre os interlocutores, que os aproximam e os inserem em universos comuns de referência. Esses pressupostos culturais possibilitam aos interlocutores a intercompreensão e a interação. Os universos de saber variam em função da época e da cultura. Dessa forma, as representações partilhadas sobre o conceito de moda, por exemplo, não são as mesmas de uma época para outra, assim como a representação de mulher é diferente no oriente e no ocidente. O segundo fator determinante das regularidades é a intenção de comunicação. Outro fator determinante é a finalidade comunicativa do ato de linguagem. Charaudeau (2004) propõe algumas finalidades ou propósitos: a visada de prescrição, de solicitação, de incitação, de informação, de instrução e de demonstração. O último fator determinante das regularidades é o *status* dos sujeitos sociais - os interlocutores. A cada situação, os sujeitos comunicantes assumem diferentes papéis que, por meio do reconhecimento social, são legitimados.

Todo ato de linguagem é uma aposta, que tem por alvo o interlocutor que pode, ou não, interpretar corretamente a mensagem transmitida. Diz-se aposta porque não depende apenas do EU comunicante, que assume o ato de falar, mas sim também do outro. Nesses termos, Charaudeau (2008) postula que:

[...]comunicar é um ato que surge envolvido em uma dupla aposta ou que parte de uma expectativa concebida por aquele que assume tal ato: (i) o “sujeito falante” espera que os contratos que está propondo ao outro, ao sujeito-interpretante, serão por ele bem percebidos e (ii) espera também que as estratégias que empregou na comunicação em pauta irão produzir o efeito desejado.

Para que a significação discursiva se efetive é necessário considerar a existência dos diferentes níveis do discurso. Há uma inter-relação entre o circuito interno (lingüístico) e o circuito externo (situacional) para a produção dos sentidos. Nesses circuitos encontram-se os sujeitos enunciativos EU e TU, duplicados em EUc (*sujeito comunicante- ser social*) e TUi

(*sujeito interpretante- ser social*) no espaço do fazer (externo); EUE (*enunciador- ser de fala*, baseado no que o EUC quer que seja dito) e TUD (*destinatário- ser de fala*, leitor ideal, o receptor pressuposto pelo sujeito comunicante) no espaço interno (dizer). Ainda conforme Charaudeau, “o ato de linguagem não deve ser concebido como um ato de comunicação resultante da simples produção de uma mensagem que um Emissor envia a um Receptor” (CHARAUDEAU, 2008, P.44), mas sim, como um ato dialético entre o processo de *Produção* e o de *Interpretação*.

#### 4. O estudo dos gêneros

Mainueneau parte do pressuposto de que “todo texto pertence a uma categoria de discurso, a um gênero de discurso” (MAINGUENEAU, 2001, p.59). Os gêneros discursivos podem ser compreendidos como eventos lingüísticos, constituídos sócio-historicamente, que direcionam a prática comunicativa de produtores e de receptores, nos mais diversos domínios sociodiscursivos. Nesse sentido, o gênero é uma variedade específica e estável, nos termos de Bakhtin (2003), de textos que circulam socialmente em nosso cotidiano e que, como toda e qualquer produção linguageira, estão submetidos a restrições discursivas, formais e situacionais- apresentando características definidas por meio de sua finalidade, compartilhadas e compreensíveis entre os sujeitos envolvidos na troca comunicativa, conforme afirma Charaudeau (2004). O programa Rede Mídia, por exemplo, inscreve-se em uma situação de comunicação jornalística, inscrita no domínio de comunicação midiática e caracterizada pela finalidade comunicativa de informar.

Conforme Charaudeau (2004, p. 15) a noção de gênero discursivo deve considerar a articulação de diferentes aspectos: a *ancoragem social* do discurso, *atividades linguageiras* construídas, *características formais* dos textos produzidos e a *natureza comunicacional*. Todo gênero pertence a uma instituição social específica e, o conhecimento das regularidades que o constituem auxiliam nos procedimentos de produção e de recepção. É necessário que o sujeito tenha referências para poder se inscrever no mundo dos signos, significar suas intenções e se comunicar. Essas referências nos são fornecidas pelas nossas memórias, que conforme Charaudeau (2004) são três: memória dos discursos; memória das situações de comunicação e memória das formas dos signos. A primeira memória relaciona-se aos saberes e crenças socialmente partilhados pelos sujeitos, o que lhes garantem uma identidade coletiva. Essa memória permite a realização de leituras semelhantes de um mesmo texto. A memória das situações de comunicação permite o reconhecimento de um contrato entre os interlocutores, por meio do qual são geradas expectativas em relação às trocas. Para Charaudeau, o gênero se constitui em função de uma situação de comunicação. A última memória, denominada também como memória semiológica, possibilita a habilidade de uso e de interpretação de signos verbais, gestuais, icônicos, entre outros. Em consonância com Charaudeau (2004), pode-se depreender que, por meio da articulação dessas três memórias, “o sujeito social se dota de gêneros empíricos, e que, pela experiência e pela aprendizagem, ele os institui em normas de conformidade linguageira e os associa a práticas sociais mais ou menos institucionalizadas”. (CHARAUDEAU, 2004, p.20).

Os gêneros discursivos sofrem mudanças, ao longo do tempo, devido a fatores como a evolução da técnica, que acarreta na alteração dos dispositivos; e as racionalizações do mundo profissional que impõe modismos. Ao falar dos modismos, Charaudeau (2006) elenca cinco tendências que atravessam os gêneros televisivos atuais:

- (i) Aproximação da mídia com o público, que para Charaudeau é uma “tendência à multiplicação e à acumulação, nas encenações atuais, dos índices de contato com a instância público”.
- (ii) Tendência à mescla dos gêneros, constituindo uma TV do híbrido;
- (iii) Televisão do contínuo e não mais do recorte, em que “estaria em oposição àquela que, o passado, era mais nitidamente recortada em momentos diferentes para públicos diferentes”;
- (iv) Tendência à abreviação dos programas;
- (v) Tendência à mistura de temas, em que os universos público e privado partilham de temas em comum.

O programa em análise, o Rede Mídia, conforme dados veiculados no sítio do canal Rede Minas, é classificado como gênero debate, porém podem-se encontrar traços constitutivos do gênero entrevista. Dessa forma, consideraremos o programa em questão, como um gênero híbrido, que mescla o debate e a entrevista. Pode-se perceber um grau de engajamento (ou intervenção) da instância midiática (jornalistas). Conforme Charaudeau (2006), o engajamento compreende a manifestação do enunciador: “Entenda-se por engajamento o fato de que o enunciador manifeste mais ou menos sua própria opinião ou suas próprias apreciações na análise que propõe, ou na maneira de encenar o acontecimento (como nas entrevistas ou debates)” (CHARAUDEAU, 2006, p.209). Ao abordar o grau de engajamento do jornalista, Charaudeau (2006) postula que, no gênero *entrevista-debate*, “é a instância midiática que monta todas as peças do acontecimento pela exibição espetacular da palavra”, embora se comprometa a realizar um jogo de transparência.

Aronchi (2004), por sua vez, classifica os gêneros televisivos em cinco categorias: categoria de entretenimento, a de informação, a de educação, a publicidade e outros. Dentre as categorias por ele propostas, o gênero a ser analisado debate-entrevista insere-se na categoria de informação. Ainda conforme o autor (*op cit*), o “gênero debate não necessita de grandes investimentos” para sua produção, pois o cenário e os convidados são as peças propulsoras para o funcionamento. O formato do gênero debate tem como um único apresentador, o que para Aronchi “caracteriza a maioria dos programas de debate”. Ao postular sobre o gênero entrevista, Aronchi salienta que há uma multiplicidade de pessoas de diferentes áreas do conhecimento sendo entrevistadas por um apresentador, geralmente, jornalistas. Para o autor, o cenário constituído para a entrevista “permitem ao convidado e ao apresentador ficar sentados durante todo o tempo”. (ARONCHI, 2004, p. 148).

Podemos constatar algumas características básicas no gênero entrevista, tais como:

- (i) estrutura caracterizada por perguntas e respostas, incluindo dois ou mais indivíduos - entrevistador e entrevistado(s). As perguntas não são planejadas no ato da entrevista, como um improviso, mas sim previamente elaboradas. Na realização da entrevista, as perguntas são adaptadas ao ritmo da conversa, promovendo maiores esclarecimentos quanto questões propostas ou até mesmo evitando questões que já foram respondidas;
- (ii) papel comunicativo do entrevistador: iniciar e finalizar a entrevista (ao iniciaraentrevista, o entrevistador apresenta brevemente o(s) entrevistado(s) e ao finalizar, o turno de fala não se alterna, predominando a fala do entrevistador, que agradece ao telespectador pela audiência); formular perguntas ao interlocutor; promover a transmissão de informações pertinentes;
- (iii) papel comunicativo do entrevistado: responder às perguntas solicitadas.

Hoffnagel (2003) postula que a entrevista jornalística é um gênero da sociedade moderna, veiculada pelas mídias, e tem como função social informar o cidadão. Pode-se observar que a linguagem utilizada pelas duas partes – entrevistador e entrevistado – é adaptada a fim de contribuir para a compreensão da informação. Conforme Vasconcelos (2007) “Qualquer entrevista deve ser cuidadosamente preparada através de uma elaboração de um guião, ou seja, um texto que servirá de base à condução da entrevista”, permitindo durante a entrevista o apresentador orientar as suas perguntas, mesmo em meio a alguns improvisos.

## 5. Enunciação televisiva

Em um artigo intitulado “TV: a transparência perdida”, Umberto Eco (1985: 141-158) distingue duas fases da televisão: uma, que ele chama *Paleotelevisão* e outra, chamada *Neotelevisão*. A diferença fundamental entre as duas não repousa somente na distância temporal que as separa, mas, principalmente, em como a TV foi modificando a sua relação, no decorrer do tempo, com a organização programática através dos gêneros. Resumidamente, a *Paleotelevisão* se caracterizaria por estar organizada em gêneros, que se distinguiam claramente entre a informação e o espetáculo. A *Neotelevisão*, por outro lado, estaria marcada pela mistura dos gêneros, o que para Eco faria, a nós telespectadores, “nos perdemos em um mundo de irrealidade”, uma vez que ela, em vez de ser um espelho dos fatos do mundo exterior, torna-se a produtora de uma realidade própria, autônoma. Segundo Mehl (1992: 13), um outro fator que fez com que a televisão se transformasse e buscasse reformas constantes em seus programas, o que ocorre ainda mais hoje, foi a difusão em tempo integral, quando “os canais passaram a se olhar pelo prisma da concorrência”.

Para contemplar a existência de discursos televisivos que se opõem ao falar ora da realidade, ora da ficção, François Jost (1999: 28-30) propõe a análise dos gêneros televisivos de acordo com os seguintes modos de enunciação:

- (i) *modo autenticante*: reagrupa as emissões que se comprometem com asserções verdadeiras sobre o mundo (a verdade aqui é considerada a correspondência entre mundo de linguagem e mundo empírico); programas também chamados de informativos (telejornal, reportagens, documentários etc);
- (ii) *modo ficcional*: não se apóia na verdade do discurso, mas no princípio de coerência que esse estabelece com o universo criado (verdade como coerência);
- (iii) *modo lúdico*: é um nível intermediário de enunciação, em que a realidade não é tomada tal como ela é e onde se constitui um mundo que *obedece às suas próprias regras*.

Tendo em vista essas três maneiras de produzir mundos, pode-se observar que existem gêneros que se encontram no meio do caminho entre dois ou mesmo entre três modos, o que reforça o postulado de Charaudeau sobre o fenômeno de hibridismo dos gêneros. Como exemplo, Jost (2004) postula que:

[...] a promessa de falar do mundo não é própria apenas das emissões informativas; ela é comum em todos os filmes e em todos os programas que prometem um discurso de verdade e aos quais nós interpretamos sob o eixo verdade-falsidade. (JOST, 2004, p. 36).

Segue abaixo o esquema proposto por Jost a respeito da divisão dos gêneros televisivos em função dos três mundos, o lúdico, o real e o fictício, na qual cada gênero ocupa mais de um espaço:



No entanto, esse triângulo não pode ser visto de uma forma estática. Em função de se atingir tanto a credibilidade como a captação, programas como os telejornais têm utilizados estratégias de ficção e, por outro lado, programas de caráter fictício, como as telenovelas, têm recorrido a estratégias de autenticação do seu discurso.

A estrutura acima não pode ser concebida como um produto pronto e acabado, pelo fato dos gêneros televisivos estarem longe de serem objetos estáticos e estáveis, pelo contrário, carregam consigo toda uma história que os fazem ser dinâmicos, não pertencendo exclusivamente a apenas um mundo. Programas de caráter fictício, como os filmes e telenovelas, têm, por exemplo, recorrido a estratégias de autenticação do seu discurso. Muitos filmes de ficção são apresentados como verdadeiros documentários sobre a realidade, recorrendo ao argumento de realidade, o que ilustra nos cartazes estampados “baseado em uma história real”. A respeito do triângulo acima, Jost (2004) deixa claro sua posição para aqueles que realizarão uma análise de um programa ou de uma programação, evidenciando a necessidade de retomar e completar o esquema por ele proposto:

Parece natural colocar os jogos no espaço do lúdico, os telejornais no do autentificante e as séries no do ficção. Não obstante, pode acontecer que a ficção seja apresentada como real ou a realidade como um *show*. A especificidade de um programa como o *Loft story* ou o *Big-Brother* está justamente em se situar em igual distância em relação a esses três mundos e em ter a possibilidade de migrar de uma região a outra, segundo o ponto de vista a partir do qual se considere o programa. (JOST, 2004, p. 42)

## 6. Análise do *corpus* com base nas teorias de Charaudeau e Jost: programa Rede Mídia

De acordo com os conceitos tecidos por Charaudeau e Jost, desenvolveremos a seguir uma análise do programa Rede Mídia, veiculado no dia 27/05/2010, do canal Rede Minas de Televisão. O tema do programa analisado foi a produção do livro de Leda Nagle “De Minas para o mundo”.

Dentre as variantes de entrevista jornalística propostas por Charaudeau (2006), pode-se definir o programa em análise como *entrevista cultural*. A *entrevista cultural* define-se por seu propósito, que é o de discorrer acerca das produções artísticas. De modo geral, o entrevistado é autor de obras publicadas ou um crítico. No caso em análise, Leda Nagle é autora da obra supracitada. Leda é convidada pela sua notoriedade, afirmada logo na

apresentação do programa, quando o apresentador Rogério Tavares relata a trajetória de sua carreira profissional. Para Charaudeau, “a entrevista cultural é um gênero que presume enriquecer os conhecimentos do cidadão, e que se justifica pela resposta à pergunta: “Como é que ele faz?” que se opõe ao “Como funciona?” do especialista.”(CHARAUDEAU, 2006, p. 216)

O *modo autenticante* proposto por Jost reagrupa as emissões que se comprometem com asserções verdadeiras sobre o mundo, como postula David-Silva (2005), programas sem tom cômico, que pretendem ser tele-verdade, são também chamados de informativos (atualidades, telejornais, reportagens, documentários, dentre outros). O programa Rede Mídia, insere-se nesse modo por carregar em si uma espécie de garantia de autenticidade, uma conformidade com o mundo que está sendo representado. O que é retratado no programa faz referência a objetos existentes no nosso mundo, pretendendo mostrar ao telespectador o espetáculo do mundo, conferindo a impressão de se poder chegar diretamente aos acontecimentos, ao caráter autenticante.

Como citado anteriormente, Charaudeau (2004) discorre sobre um tipo específico de relação contratual implicitamente reconhecido pelos sujeitos - o contrato comunicacional. Este se realiza em qualquer ato de comunicação. A relação contratual é constituída e restringida por três componentes: o comunicacional; o psicossocial e o intencional. No contexto desse estudo, a enunciação jornalística surge como encenação do ato de linguagem que envolve os três componentes supracitados. Os interlocutores partilham de universos comuns (os pressupostos culturais), tendo o entrevistador a função de se preparar para a entrevista, selecionando perguntas em função do estudo que faz. Desse modo, ele terá embasamento para discutir o tema proposto para o programa. Rogério Tavares representa vários papéis discursivos, utilizando diferentes estratégias de captação (intimidade, conivência, entusiasmo), visando, conforme Charaudeau, “arrancar uma explicação que seria suscetível de revelar os arcanos do mistério da criação artística”. Logo ao iniciar o programa Rede Mídia, o apresentador Rogério Tavares apresenta a entrevistada (jornalista Leda Nagle), de forma sumarizada, demonstrando seu conhecimento e atendendo à visada da informação. Segundo Charaudeau (2004) o “*eu* quer “fazer saber”, e ele está legitimado em sua posição de saber; *tu* se encontra na posição de “dever saber” alguma coisa sobre a existência dos fatos, ou sobre o porquê ou o como de seu surgimento.” (CHARAUDEAU, 2004, p. 23-24). Desse modo, o entrevistador Rogério Tavares orienta as perguntas de forma que a entrevistada Leda informe aos telespectadores sobre o assunto tratado. Tanto o entrevistador quanto a entrevistada têm seu estatuto psicológico e social reconhecido.

O programa Rede Mídia, que se configura predominantemente como gênero entrevista, em consonância com o formato desse gênero, coloca os dois interlocutores em um mesmo espaço de conivência discursiva. Alguns protocolos ou regras deverão ser respeitados nesse gênero: o respeito aos turnos de fala por parte do entrevistador e entrevistado; realização de novas perguntas ou solicitação de esclarecimentos em função de algumas respostas; o diálogo, a atenção e o interesse pelo que é dito. O sujeito comunicante poderá sempre supor que o seu interlocutor possua competência linguageira semelhante à sua, então, ele organizará suas estratégias e suas intenções de forma a produzir determinados efeitos de sentido.

Charaudeau (2008) postula que as estratégias só adquirem sentido se estão vinculadas às coerções. E ainda conforme o autor, a noção de estratégia só é utilizada quando há um “quadro contratual que assegura a estabilidade e a previsibilidade dos comportamentos” (Charaudeau, 2008, p. 219). Três espaços podem ser contemplados no desenvolvimento das estratégias: a *legitimidade*, a *credibilidade* e *captação*.

O primeiro, a legitimação, determina a posição de autoridade dos sujeitos, Rogério Tavares e Leda, ambos em posição psicossocial reconhecida, conferindo-lhes o poder para dizer. Entretanto, a legitimidade não é conferida exclusivamente pelos jornalistas (Leda Nagle e Rogério Tavares), mas também pelo próprio programa e sua inserção em um veículo de comunicação, a mídia televisiva, já reconhecido pela sociedade. Leda e Rogério são legitimados por seus estatutos profissionais bem como pelo lugar que eles ocupam na instância midiática. O fato de Leda ser convidada para o programa exerce uma validação recíproca: ela (por ser uma celebridade no meio jornalístico) valida o estatuto do programa, conferindo-lhe legitimidade, bem como o programa valida seu novo estatuto (até então não reconhecido pelo público) de escritora. Vale ressaltar que a mera menção da titulação da entrevistada atribui-lhe, imediatamente um posicionamento hierárquico social importante para a construção de sua imagem junto aos telespectadores. A entrevistada aborda um tema sobre o qual tem condições e autoridade para discorrer. A legitimidade é um valor atribuído pelos telespectadores e se apresenta reforçado nas falas do apresentador por meio da imagem discursiva que cria de si e da entrevistada Leda Nagle. Supõe-se que, os telespectadores do Programa Rede Mídia acreditam em sua legitimidade para representar a informação, construindo uma relação de confiança e reconhecimento. Outras condições são também necessárias para que o sujeito comunicante tenha direito à palavra além do poder: o saber e saber-fazer. É necessário que a entrevistada saiba inspirar confiança e admiração, aderindo à imagem ideal de jornalista-escritora que se encontra no imaginário dos telespectadores, em especial, daqueles que compactuam “do jeito mineiro de ser”, postulado no livro. Leda utiliza de estratégias discursivas para conquistar a simpatia do telespectador.

O segundo nível, a credibilidade, é o que determina a posição de verdade do sujeito, são construídas representações para que o outro (o telespectador) entre no processo de identificação, uma espécie de adesão. A entrevistada, por exemplo, constrói uma imagem “séria”(ethos) de si para que os interlocutores confiem na verdade do que está dizendo. Ela utiliza, por exemplo, estratégias de convencimento como a citação de outras vozes.

A *captação*, por outro lado, objetiva provocar e influenciar o outro (os telespectadores), por meio de efeitos de sentidos expressivos, emocionais e dramatizados. Leda utiliza-se muito da emoção como instrumento para despertar o interesse de seu auditório; o entrevistador, por seu lado, também utiliza-se de recursos patêmicos, como a demonstração de entusiasmo, de curiosidade, na intenção de motivar a entrevistada e manter a atenção do telespectador.

Ao considerar a instância de recepção, o TUD, Charaudeau (2006), postula que a identidade deste público torna-se uma incógnita para a instância de produção, e um dos fatores dessa incógnita seria o *status* social diversificado. Conforme Charaudeau (2006), a entrevista

exige uma diferenciação de *status*, de tal modo que um dos parceiros seja legitimado no papel de “questionador” e o outro num papel de “questionado-com-razões-para-ser-questionado”. A alternância de fala se acha então regulada e controlada pela instância entrevistadora segundo suas finalidades. (CHARAUDEAU, 2006, p. 214)

Mesmo que as pesquisas de opinião tentem desvendar a identidade desse público, contribuindo para uma projeção de seu perfil, não há como prever um determinado grupo homogêneo. O Eue projeta então um TUD, recorrendo aos saberes e valores supostamente compartilhados socialmente. São feitas apostas em relação a este suposto interlocutor. No caso analisado, aposta-se em um público-alvo que se interesse por assuntos relacionados aos

bastidores da mídia, aos estudos e reflexões que versem direta ou indiretamente sobre a comunicação midiática e à cultura.

## 6. Descrição do programa e modelo de indexação

A seguir desenvolveremos uma descrição estrutural do programa de TV, o Rede Mídia, que utilizamos como *corpus* desse estudo. Os dados coletados para a descrição do programa não estão incluídos na íntegra, visto ser um trabalho minucioso, no entanto elementos imprescindíveis para a identificação de um programa não foram dispensados.

Descrição estrutural do programa de TV						
Emissora	canal	dia	Hora início	Duração	Programa	Gênero
Rede Minas	9	27/05	22h QUI	25m18	Rede Mídia	Entrevista
Qtd de bloco	Apresentador	Cenário	Forma de transmissão		local	Tema
02	Rogério F. T.	Neutro	Gravado		Estúdio	

**Fonte: dados coletados no sítio do canal Rede Minas.**

**Tema geral:** Literatura  
**Tema específico:** Publicação do livro "De Minas para o mundo".  
**Sub-temas gerais:** Cotidiano; Mineiridade; Jornalismo.  
**Sub-temas específicos:** trajetória profissional; círculo de amizades; mudanças na TV brasileira e a emoção.

**Resumo do programa:** Entrevista do Rede Mídia com a jornalista Leda Nagle. Em conversa com o apresentador Rogério Tavares, a jornalista fala sobre o livro "De Minas para o mundo", que reúne entrevistas com 80 personalidades nascidas em Minas Gerais.

**Palavras-chave:** Entrevista; Rogério Tavares; Leda Nagle; livro; personalidade mineira; Minas Gerais; "De Minas para o Mundo";

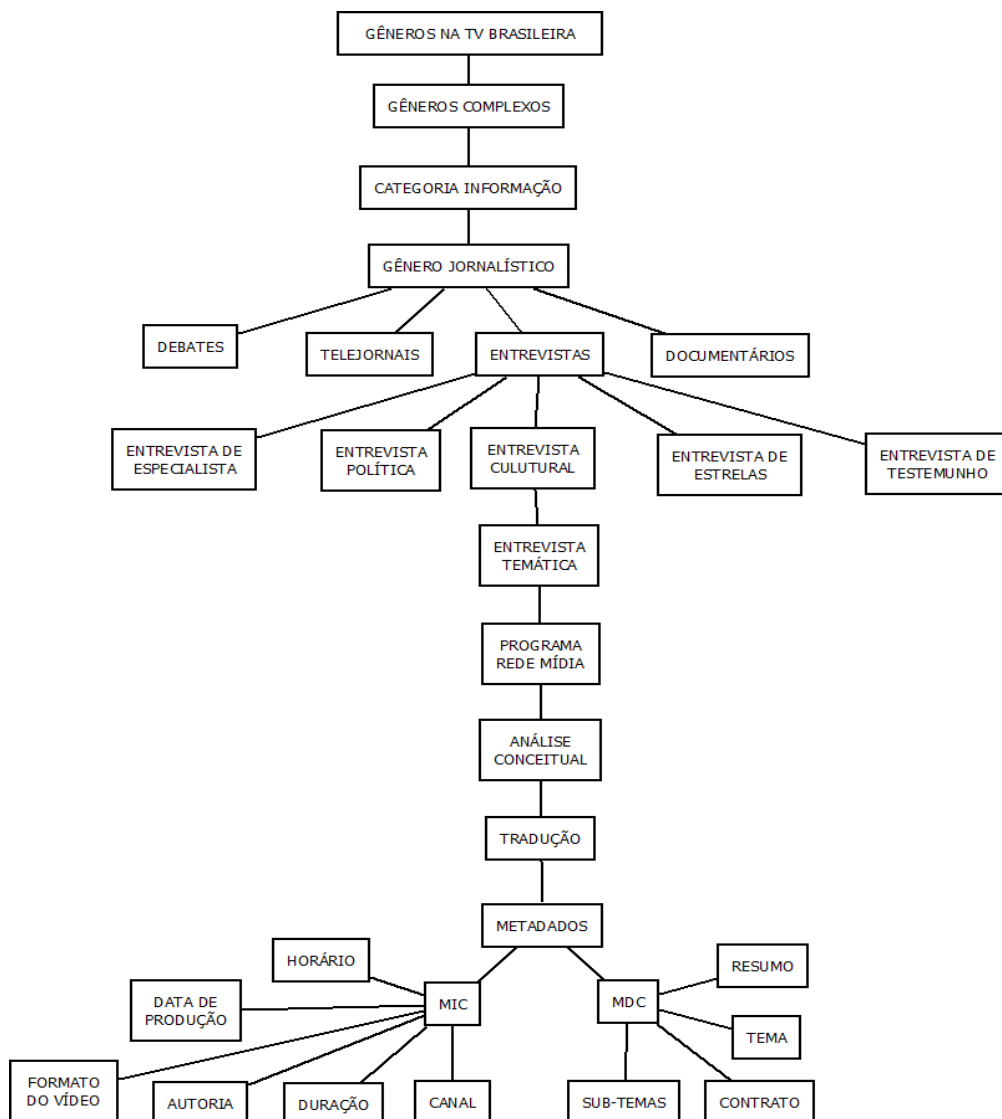
Trechos de entrevistas inseridas na produção do programa: 03  
 Entrevista com Carlos Drummond de Andrade  
 Entrevista com Milton Nascimento  
 Entrevista com Lima Duarte

**Quadro 1:** Parte da descrição realizada do programa em análise.

Para o estudo proposto, foi privilegiada a análise discursiva dos gêneros, tendo como desafio localizar aspectos que contribuam para a indexação das informações audiovisuais. Acredita-se que a AD contribuirá para a atribuição de descritores significativos ao gênero analisado. Ainda nos resta o desafio de detalhar o contrato de comunicação de forma a possibilitar a sua inserção como critério de indexação e busca da informação no banco de dados a ser desenvolvido. A partir da descrição elaborada acima e das contribuições da AD, segue abaixo um diagrama que exhibe uma visão geral da abordagem adotada com vistas ao desenvolvimento de um processo de indexação e recuperação de informações audiovisuais.

Conforme ilustrado na figura 1, o modelo proposto para indexação e recuperação de informações do programa em análise utilizou dois tipos de metadados, o MDC e o MIC. Em especial, aos metadados do tipo MDC (Metadados Dependentes de Conteúdo), obtidos a partir de técnicas de análise do discurso midiático, tendo como fundamentação teórica a Análise do Discurso.

Ademais, esse estudo faz parte de uma pesquisa maior que propõe analisar, comparativamente, os gêneros televisivos constitutivos da categoria informação, a fim de estabelecer critérios para a seleção de metadados no processo de Indexação e recuperação de informações em um banco de dados audiovisuais.



**Figura 1:** Visão geral do modelo proposto para Indexação e recuperação do programa Rede Mídia do canal Rede Minas de Televisão.

## 8. Considerações Finais

Os estudos sobre os gêneros televisivos a partir de teóricos como François Jost e Patrick Charaudeau apresentam uma reflexão sobre a programação televisiva a partir de sua dimensão enunciativa, reposicionando toda e qualquer descrição que se centre apenas no conteúdo do que é transmitido. Comumente, não há correspondência entre as definições teóricas de gêneros e suas definições institucionais, as quais associam em uma mesma rubrica programas bastante heterogêneos. Assim, ao considerar a classificação de um gênero dependente da situação de comunicação, a AD possibilita uma análise de elementos que vão além do conteúdo veiculado por um programa. Dessa forma, a seleção de metadados dependentes do conteúdo (MDC), que serão chaves para indexação do programa na base de dados criada pelo CAPTE, irá além do que é realizado usualmente nos Centros de Documentação (Cedocs) dos canais de televisão, que centram-se na descrição do conteúdo da informação. A indexação realizada por esses centros não considera o espaço da construção estratégica da informação e dos elementos pertinentes desse processo. A nossa proposta é a de que os metadados refiram-se ao conteúdo do vídeo, mas também a tudo o que é intrínseco a sua composição.

A indexação baseada em conceitos (descrição das imagens com palavras) é considerada características de alto nível de abstrações, por operar no nível semântico. Assim, é fundamental que se definam padrões de descrição a serem seguidos, de forma que possam ser utilizados por diferentes pessoas, em diferentes momentos, garantindo a qualidade e a confiabilidade nos dados arquivados. O processo de descrição da programação televisiva estará intrinsecamente relacionado aos sistemas de recuperação de informações a serem desenvolvidos. Pretende-se, ainda, a criação de um modelo de descrição da programação televisiva que estabeleça padrões capazes de dirimir as possíveis interferências do indivíduo responsável por esse processo.

## Referências

- ARONCHI DE SOUZA, José Carlos. Gêneros e Formatos na Televisão Brasileira. São Paulo: Summus, 2004.
- BAKHTIN, M. *Estética da Criação verbal*. Trad. Paulo Bezerra. 4º ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- BARRETO, J. S. (2007) Desafios e Avanços na Recuperação Automática da Informação Audiovisual. *Ciência da Informação*, 36(3):17-28.
- BIMBO, A. D. D. (1999). *Visual Information Retrieval*. Morgan Kaufmann, first edition.
- CHARAUDEAU, P. *Linguagem e discurso: Modos de organização*. São Paulo: Contexto, 2008.
- \_\_\_\_\_. *Discursos das Mídias*. São Paulo: Contexto, 2006.
- \_\_\_\_\_. Visadas discursivas, gêneros situacionais e construção textual. In: Ida Lúcia; MELLO, Renato de (Org.). *Gêneros: Reflexões em Análise do Discurso*. Belo Horizonte: NAD/FALE/UFMG, 2004. p. 13 a 41.
- CHARAUDEAU, P. & MAINGUENEAU, D. *Dicionário de Análise do Discurso*. São Paulo: Contexto, 2008.
- CINTRA, Anna M. M. (1983) Elementos de linguística para estudos de indexação. *Ciência da Informação*.
- DODEBEI, V.L.D. (2002) Tesouro: Linguagem de representação da memória documentária. Niterói: Intertexto; Rio de Janeiro: Ed.Interciência.



**Anais do IX Encontro do CELSUL**  
**Palhoça, SC, out. 2010**  
**Universidade do Sul de Santa Catarina**

- ECO, H. (1985) *TV: la transparence perdue*. La guerre du faux. Paris: Grasset, p. 141-158.
- HOFFNAGEL, J. C. Entrevista: uma conversa controlada. In: DIONÍSIO, A. P; MACHADO, A.R; BEZERRA, M. A. (Org.). *Gêneros textuais & ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2003.
- JAIN, R. and HARUMPAPUR, A. (1994), Metadata in Video Databases, *Sigmod Record*, 23(4):27-33.
- JOST, François. *Seis lições sobre televisão*. Porto Alegre: Sulina, 2004.
- \_\_\_\_\_. (1999) *Introduction à l'Analyse de la Télévision*. Paris: Elypses Editions Marketing.
- LANCASTER, F.W. *Indexação e Resumos: Teoria e Prática*. 2ª Edição, Brinquet de Lemos, 2004.
- MAINGUENEAU, D. *Análise de textos de comunicação*. São Paulo: Cortez, 2001.
- MEHL, D. (1992) *La fenêtre et le Miroir - La télévision et ses programmes*. Paris: Editions Payot.
- SILVA, G. D. (2005). *A informação Televisiva: uma Encenação da Realidade (Comparação entre Telejornais Brasileiros e Franceses)*. Tese de Doutorado. Belo Horizonte: FALE/UFMG.
- VASCONCELOS, J. P. (2007). Entrevista. *Nótcias Magazine*. Disponível em: <http://jpvasc.no.sapo.pt/port-10/entrevista.pdf>. Acesso em: 09 de julho de 2010 às 16h32. p. 1-5.